

Terapia Familiar



Irisomar Fernandes

FICHA TÉCNICA

FERNANDES, Irisomar. *Família e Cultura*: 1ª edição, 2014
CETAPES: Centro Teológico e Apologético do Espírito Santo.
Vila Velha, ES



Sumário

A FAMÍLIA NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL _____	5
O LABOR DA TERAPIA FAMILIAR _____	7
FAMÍLIA E SOCIEDADE PÓS-MODERNA _____	11
INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA SOCIEDADE _____	14
SACERDOTES DO LAR? _____	17



Bem vindos! Nosso curso de Terapia familiar é uma iniciativa autônoma, que tem por objetivo contribuir com o apoio às famílias, igrejas, escolas e demais seguimentos da sociedade. Manter um olhar atento à “saúde familiar” é uma tarefa indispensável, pois, ocupar-se com o bom desenvolvimento social. É um fazer terapêutico e de competência de líderes, pastores, sacerdotes, analistas, psicólogos dentre outros, sejam profissionais da saúde, seja líderes espirituais.

Se considerarmos a família como a base da sociedade, podemos dizer que se a família for mal, a sociedade irá de mal a pior. Diante das grandes transformações sociais surgem de forma quase que concomitante conflitos inúmeros como por exemplo: a “liberdade sexual”, as discussões homofóbicas, lares desfeitos pelos divórcios, separações, homicídios e tantas outras mazelas. Logicamente, não nos referimos a questões isoladas, mas, certamente, pessoas com desajustes familiares tendem a repetir seus conflitos em outros setores de convivências relacionais. O indivíduo reproduz suas vivências na sociedade.

É diante dessas demandas sociais que O CETAPES oferta o presente curso. Para nós é um prazer incomensurável poder compartilhar os presentes temas com nossos alunos e alunas.

O presente módulo está dividido em três aspectos a saber:

1º A Família e a Constituição Federal

2º A Família na Bíblia

3º A Família e a Sociedade.

Esperamos que ao término deste módulo você possa sentir-se fortalecido e encorajado para continuar doando-se à prevenção de conflitos familiares, bem como, dedicando-se ao estudo de técnicas apropriadas às práticas terapêuticas.



A FAMÍLIA NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL

No Brasil a família tem seu lugar e direitos garantidos por lei. No Direito Constitucional, o Artigo 226 afirma que a Família é a base da sociedade, tendo seus direitos resguardados e protegidos pelo Estado.

O Estado brasileiro deveria garantir os direitos básicos de todo cidadão, que são: Direitos à moradia, à um salário digno, à educação e saúde com dignidade, direito à segurança, ao lazer, em fim, são direitos sociais pertinentes à família e suas necessidades básicas.

A questão é: De fato o Estado oferta e assegura tais garantias? Seus filhos e filhas, cônjuges, parentes e amigos quando vão a um posto de saúde não recebem (via de regra) o atendimento que tem direito legal, nas escolas da rede pública (Educação Básica, ensino técnico integrado...) não ofertam também, via de regra, o saber e o aprendizado necessário para adentrarem às universidades públicas, sendo esses, sem seus direitos legais garantidos, “obrigados” a custearem pesados valores em universidades e faculdades particulares.

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 1º - O casamento é civil e gratuita a celebração.

§ 2º - O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

§ 3º - Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento. (Regulamento)

§ 4º - Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

§ 5º - Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.



§ 6º - O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio, após prévia separação judicial por mais de um ano nos casos expressos em lei, ou comprovada¹.

Aqui temos um impasse: por um lado uma lei, com os direitos; por outro lado, temos uma sociedade carente e desassistida pelo estado. Sem seus direitos garantidos, sem moradia adequada, sem assistência à saúde, sem deito a vagas nas creches públicas (pela ausência de vagas) mães, pais e filhos são de certa forma expostos a verdadeiros conflitos sociais. Em função da falta de assistência às famílias, muitas mães que são arrimo de família são forçadas a deixarem seus filhos sozinhos em casa para que possa trabalhar e alimentá-los, vesti-los... os pais ao saírem de casa nas condições ditas anteriormente, não conseguem render tudo que poderiam pois estarão sempre com os sentimentos divididos entre a produção profissional e a preocupação com a segurança dos filhos.

É nessas situações que as famílias brasileiras vão se desenvolvendo e vivenciando suas dúvidas, dilemas e temores. A consequência natural disso é visto em muitas ruas, becos, morros e avenidas, logradouros públicos servindo de moradia, tráfico de drogas servindo de alento social (ainda que desvirtuado). Pela ausência do Estado, muitas famílias foram e continuam sendo dilaceradas e filhos menores são roubados de suas famílias pelos aliciadores dos traficantes.

As igrejas, as ONGs e outras associações religiosas e laicas, se lançam no intuito de tentar contribuir com o alento social, mas, embora sejam extremamente úteis e necessárias, são frágeis e poucas.

O que fazer diante de tais fatos? Como cuidar e proteger as famílias que buscam o apoio terapêutico e/ou religioso?

É sobre e esses fatores que os fazeres terapêutico familiar se debruçam, e é também sobre eles que nosso trabalho se desenvolve. Mas, como desenvolver tais funções na ausência do estado?

¹ Artigo 226 da Constituição Federal de 1988



O LABOR DA TERAPIA FAMILIAR

Há uma sensível diferença entre a terapia psicanalítica e as terapias de casais religiosas. No caso da terapia de casais, ambas as teorias podem ser utilizadas, devendo, no entanto, o analista não fazer aconselhamento pastoral (em caso de psicanalistas, psicólogos e outros técnicos), porém, no consultório pastoral, é prudente se manter o uso racional da ministração bíblica, da oração e das intercessões pastorais.

Com os desajustes sociais e a falta de acesso aos direitos constitucionais, os conflitos, os divórcios, suicídios, violência doméstica, estupros de parceiras (esposas e/ou companheiras), pedofilia e tantos outros males, automaticamente vão se incorporando paulatinamente aos lares brasileiros e mundiais. Talvez, em função do ócio se afloram sentimentos e comportamentos totalmente inadequados, doentios e inoportunos. Diante disso, a fragilidade da organização familiar vai se alastrando de forma vertiginosa e destruidora.

O que fazer? Não há receitas prontas, não há também algo cabal que sirva para vários grupos, no entanto, podemos compreender que os sofrimentos que afetam as famílias têm gerado dor. As relações familiares não são (via de regra) indolores, por isso, há sim formas de se tentar contribuir para a melhoria da qualidade de vida familiar. Entre elas, podemos citar a Terapia Familiar, que objetiva contribuir tanto com o indivíduo quanto com o grupo familiar, no escopo de amenizar os sofrimentos, resgatar o prazer e se possível, reestruturar uma lar desajustado pelas falácias do cotidiano.

Há fatores esquecidos que serviram para manter a unidade familiar como, por exemplo, a religião. Os grupos religiosos de outrora reuniam-se para leituras, preces, orações, novenas e outras manifestações religiosas, mas o tempo e o espaço sutilmente foram tirando tais práticas pouco a pouco, de forma que nos dias atuais são cada vez mais raros os encontros familiares com todos os membros da família ou do núcleo familiar. As rodas de “bate-papo” e outras distrações antes comuns. O tempo tornou-se cativo das demandas sócio econômicas e o lar, infelizmente, rendeu-se a tais demandas.



A “religião chamada mercado” ocupou o centro das preocupações humanas e a família teve que se adaptar, ou pelo menos tentar adaptar-se à nova realidade social e temporal.

A Família no Antigo Testamento

O projeto de família está descrito no livro de Gênesis, no início das coisas. Deus ao criar o homem, criou também sua esposa e deu-lhes a bênção da procriação. Aí estava constituída a primeira família relatada na Bíblia. Muito embora não exista uma palavra correspondente para o modelo de família que conhecemos hoje, temos argumentos válidos para referendar a família como projeto divino.

Aos pais foi dado a ordem de multiplicar, sujeitar, dominar. Dito de outra forma, o controle deveria estar nas mãos dos pais, e não dos filhos. Uma característica marcante de nossa sociedade é justamente o oposto, filhos dominam os pais, submetendo-os à suas vontades e caprichos.

A figura do patriarca sempre foi muito marcante no Antigo Testamento, vemos tais figuras estampadas em Noé, Abraão, Moisés, Jefté, o próprio Rei Davi e tantos outros.

Especificamente no campo da educação familiar há textos que apontam centralidade da *Torah*² como ponto contundente e indispensável para a cultura hebraica.

Não há nos relatos veterotestamentários quaisquer eventos que se desvinculem dos núcleos familiares. Não esporadicamente vemos textos apontando para as reuniões entre famílias. Um bom exemplo disto é a expressão “Casa do Pai”.

² É a seção da Bíblia Hebraica (que corresponde ao nosso Antigo Testamento) que apresenta e se ocupa da Lei do Senhor. Esta seção, também conhecida como *Pentateuco* (Gr. “cinco livros”) compreende ao todo cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.



Reflexão:

- Podemos afirmar pelos modelos patriarcais que como no dito popular “casa de pai é escola de filho”?
- O modelo apresentado no AT da margem para concebermos a ideia de machistas?



O modelo de família do Antigo Testamento é patriarcal

O que é estrutura patriarcal? É o modelo em que o homem, o pai, também chamado de patriarca, por ser o líder do clã, lidera a família. Para os israelitas e também alguns grupos cristãos, essa teoria está fundamentada nos registros bíblicos em que o homem foi criado primeiro (Gn 1.26,27); consecutivamente, para que esse homem não ficasse sozinho, assim, teria Deus criado para o homem uma companheira (Gn 2.18-25). Ter filhos homens era de certa forma a garantia da posteridade do nome do homem.

Vemos a importância da influência familiar na constituição das 12 tribos de Israel. Um homem não podia ficar sem descendência, portanto, caso morresse sem deixar filhos, o irmão deveria cumprir o dever de cunhado³ (Gn 38.1-30).

Reflexão

- Por serem os antepassados da Igreja essencialmente patriarcais, podemos dar margem para uma comunidade cristã fatalista, onde a mulher será renegada a um plano inferior?
- Como podemos analisar as mulheres chefes de família e assumindo o papel matriarcal?

³ Essa obrigação é conhecida como a Lei do Levirato, em que o cunhado assume como sua esposa a mulher do irmão falecido, “a fim de suscitar-lhe descendentes”.



A Família no Novo Testamento



A relação entre Jesus e a Igreja é constantemente estudada fazendo relação ao casamento e a família. Nessa relação o vínculo constante é o amor e a relação de cuidado, de entrega e abnegação.

A família no Novo Testamento é sempre lembrada de forma inclusiva no ministério de Jesus, as visitas às casas, o ambiente familiar sempre estiveram presentes. Ele gostava de ir às casas, de estar com as famílias.

A igreja cristã teve seu princípio nos lares e os cultos nas casas, as ceias familiares e consecutivamente, religiosas. Os diáconos, eram os que serviam às mesas, auxiliavam no trabalho com os órfãos, com as viúvas. Em fim, havia uma relação entre igreja e os lares dos filiados à Igreja.

Há uma relação direta no sentido espiritual, onde D'us⁴ é chamado de Pai, e a igreja chamada de filhos de D'us. A relação paternal e filial é comum na linguagem igrejeira.

Na oração dominical, Jesus ensinou seus discípulos a orar chamando D'us de Pai, e na oração sacerdotal, pede ao Pai que socorra seus discípulos e amigos.

Não é atípico que os membros do cristianismo chamem-se de irmãos. Isso por terem a firma crença de que em D'us tenha um Pai. Na perspectiva cristã, no projeto de D'us toda a humanidade torna-se uma família. Assim, o povo de Deus deve ser entendido como “casa de Deus” (Hebreus 10.21; 1 Pedro 4.17); Deus é o “Pai”, e os cristãos são os “filhos de Deus” (Romanos 8.16).

⁴ Transliteração da expressão hebraica *EI'*, traduzida comumente nas versões portuguesas por “Deus”.



Na visão de alguns grupos cristãos, o tornar-se filho de Deus não é somente uma questão de nascimento, mas sim do novo nascimento (Jo 1.14; 3.16; Hebreus 11.17). Mas os que crêem em Jesus Cristo são feitos filhos de Deus: *“A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome”* (João 1.12).

Alguns Versículos sobre Família no Novo Testamento

“Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé” – Gálatas 6.10

“Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos! Por isso o mundo não nos conhece, porque não o conheceu. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é” – 1 João 3:1-2

REFLEXÃO:

- Podemos afirmar que a família está no escopo da Igreja? Por quê?
- Como podemos relacionar os ensinamentos de Jesus com as dimensões familiares?

FAMÍLIA E SOCIEDADE PÓS-MODERNA

A família é a base da sociedade e é exatamente por essa razão que vemos uma sociedade tão multifacetada e com sérios desvios sentimentais e estruturais. Estando a família enfraquecida, a sociedade se enfraquece na mesma proporção.



Em tempos passados, tínhamos na família uma célula segura, onde filhos e pais, filhas e mães possuíam papéis mais menos definidos no lar. A mãe acolhedora, protetora e o pai provedor, os filhos eram co-produtores ao lado de seus pais e as filhas aprendiam trabalhos típicos do lar. Com o advento da modernidade, os trabalhos nas fábricas tomaram paulatinamente o espaço que antes era das reuniões familiares, dos jantares e almoços em família. A consequência natural desses fatos foi uma desestruturação familiar.

A família antes produtora, passou a ser consumidora. Aumentando o consumo, aumenta a produção e diminui a qualidade de tempo entre os entes familiares. O tempo e o trabalho viraram “peças de mercado” e esses produtos viraram objetos de consumo com preços estipulados pelos empregadores.

As rodas de histórias no seio familiar foram sendo diminuídas em função de corpos vencidos pelo cansaço dos patriarcas. Ainda nesse contexto a educação dos filhos ficou sob a responsabilidade das mães, os pais assumiram a função de um provedor a quem as “artes” dos filhos seriam contadas.

Com o avanço da modernidade, os novos ventos doutrinários foram ganhando força, e mais uma vez afetando diretamente a família em sua estrutura antes sólida.

Os movimentos revolucionários, o movimento feminista, a igualdade de direito entre outras “*conquistas sociais*”. A mulher passou a votar, estudar mais, fazer-se presente na política, nas igrejas...

Nesse contexto, muitos homens que eram arrimo de família passaram a buscar o sustento em outras terras, distantes de suas famílias, gerando um novo fenômeno social, passando muitas mulheres a assumirem o “governo do lar”. As que antes eram as mães acolhedoras passaram a assumir e acumular também a função de provedora. Tal situação fez parte de uma guinada social. Motivadas pelas ausências temporárias ou permanentes, óbitos dos esposos, dentre outros fatores, muitas mulheres foram assumindo o comando de suas respectivas casas. Cunha, ao abordar o assunto, aponta para alguns dados como seguem:



Maria Odila Silva Dias enfatiza que, na época da Independência, quase 40% dos moradores da cidade de São Paulo eram mulheres sós, chefes de famílias. Em sua análise, a autora indica que de 35% a 40% dessas mulheres 'assumiam o papel de provedoras do sustento de suas famílias; como chefes de fogo, declaravam viver do seu próprio trabalho'. As atividades desempenhadas por elas eram de caráter informal, sendo as menos lucrativas e rentáveis.⁵

Tal situação não se limitou ao Estado de São Paulo, em vários outros locais do Brasil as mulheres foram assumindo paulatinamente o comando de muitos lares.

Em estudo comparativo de várias regiões brasileiras, Eni Samara aponta que, na província de São Paulo, em 1827, 29% das mulheres eram chefes de família e, em 1836, a percentagem se elevou para 37%; em Goiás, no ano de 1818, encontrou 17% de mulheres chefes, e na Bahia, em 1835, a percentagem era de 33%. De acordo com a autora, o estar à frente de um domicílio, para essas mulheres, poderia significar o prover o sustento da família. (...) A autora esclarece que o fenômeno pode ser explicado tanto pelas dificuldades econômicas como pela mobilidade espacial da população masculina em busca de melhores condições de vida.⁶

Com o avanço social, com as influências iluministas, o desencantamento da fé no sentido weberiano, as mulheres foram ano a ano tornando-se cada vez mais independentes social e financeiramente, gerando os movimentos feministas, lançando nas frentes políticas (um exemplo é nossa Presidente).

Com o desencantamento da fé na modernidade, surgem outras visões de fé e vida. Aparecem os sentimentos de "alforria" em relação às duras cargas dogmáticas das igrejas, o mundo religioso, antes senhor social, perde espaço para um mercado cada vez mais imponente e impiedoso. E esse fenômeno trouxe consigo a provisoriedade das coisas. Era o alvorecer da Pós-modernidade, o mundo do provisório, dos valores líquidos, da instabilidade e sobre tudo das grandes batalhas pelo consumo cada vez mais avassalador.

A família ainda assim não foi vencida e nem tão pouco destruída. Ela é um projeto de Deus, e como tal, prevalece.

⁵ Dissertação de Mestrado. Jorginho Rodrigo da Cunha. UFSJ.

⁶ Idem.



O fato de vivenciarmos as novas formas de pensar e olhar a família não se tornou a verdade sobre o tema. É apenas uma demanda de alguns grupos de interesse.

1. Cite pelo menos quatro problemas típicos das sociedades pós-modernas
2. Quais desajustes familiares são marcantes na sociedade pós-moderna?

INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA SOCIEDADE

A família tem merecido uma constante centralização na vida da sociedade. As várias propostas objetivas, assim como a dinâmica da própria família procura dar à sociedade instrumentos que são pertinentes para remover obstáculos, dificuldades institucionais que muitas vezes se opõem ao progresso, ao desenvolvimento e à realização plena e concreta da vida familiar.

Assim, a sociedade não pode fugir à sua responsabilidade. A família exige e estimula o dever e a obrigação que a sociedade tem para consigo. A família sofreu as mudanças da sociedade, procurando adaptar-se e estruturar-se em função das novas realidades, novos problemas. Mas, efetivamente, a sociedade procurou estruturar e adaptar as suas funções, respondendo às novas realidades tanto estruturais como funcionais da família. Falamos assim de dois tipos de influência da família na sociedade: influência no sentido finalístico e influência no sentido operativo

Família e desenvolvimento cognitivo

A vivência familiar tem importância fundamental no desenvolvimento do indivíduo, pois é no seio da família que começamos a desenvolver nossas habilidades relacionais, é no mesmo ambiente que vamos paulatinamente



formatando nossas convicções de fé e vida, de certo e errado, moral e imoral, santo e profano.

Os conceitos dos adultos vão se incorporando às convicções das crianças e essas, por sua vez, passam a imitar o comportamento que vêem no seio da família. Muitas mulheres evitam falar e até fazer sexo, por causa de comentários das mães, ou das avós que foram infelizes sexualmente, a partir dessas escutas, estigmatizam o sexo como algo espúrio, pecaminoso ou nojento. Por outro lado, meninos que ouviram seus pais, tios e outros adultos da casa tratando as esposas e as mulheres de forma geral como um objeto, naturalmente terão maior facilidade de banalizar e reduzir o brilho da mulher enquanto criação divina coparticipante no domínio das coisas criadas.

A verdade que vai se formando no ideário infantil são as verdades paternas/maternas por meio de seus arquétipos. E é muito difícil se desvencilhar de certos conceitos e tabus na fase adulta. Isso ocorre porque os conceitos culturais vão se incorporando à personalidade do ser humano e as acompanharão por toda vida. Alguns conceitos podem ser redimensionados, ressignificados, mas ainda assim, de certa forma, estarão presentes no inconsciente podendo manifestar-se em algum momento da vida adulta.

O senso comum ganha força no imaginário, os deuses e demônios “são criados” como portadores da legalidade das coisas, com teodicéias frívolas e esvaziadas de sentido, mas indelévels no adulto que as adquiriu na infância.

A educação castradora limita significativamente o desenvolvimento físico e mental do indivíduo em formação. Enquanto indivíduo, a criança deve experimentar certas “dores do desenvolvimento” (as quedas, os entorses, as perdas e ganhos, fracassos e vitórias...); a superação de limites deve estar no projeto de desenvolvimento infantil e cabe aos adultos incentivá-los (com moderação) para termos adultos saudáveis.

Como fruto da castração educacional, temos um grande número de crianças e adolescentes com obesidade mórbida, com pressão alta, com



limitações físicas e cognitivas porque lhes foram roubados o direito de pensar, de falar de se expressar.

Em relação à igreja e à vida eclesial, muitas crianças se desmotivam e perdem o encanto com a igreja em função de comentários paternos do tipo “aquele irmão é isso ou aquilo” ou “o pastor é fraco...”, ou outros comentários não edificantes que certamente passarão a fazer parte da visão da criança e posteriormente do adulto em relação à igreja.

A fé da criança deve ser preservada pelos adultos. Os adultos Pai e Mãe devem portar-se como sacerdotes do lar. Um bom exemplo de preservação da fé da criança foi Abraão com Isaque no leito do sacrifício. Em momento algum o texto relata a exposição de suas dúvidas e dilemas pessoais para o filho, em momento algum fraquejou a ponto de estremecer a fé do filho. Mantendo-se firme na crença e na afirmação de que: “Deus proverá”.

Família, “terceira cultura”

Formar uma família é dedicar-se à formação de uma “terceira cultura”, isto ocorre em função da junção de duas pessoas de *ethos* diferenciados que resolvem unir-se em casamento. Aos poucos vão se ajustando, se encaixando, aderindo um ao outro no pensar, no planejar... não é uma tarefa fácil, mas necessária. O homem e a mulher trazem suas “cargas culturais”, suas religiosidades e crenças, e todas as peculiaridades educacionais. Com o nascimento dos filhos, esses passarão a receber a influência dos pais e aí estaremos vivenciando a criação de uma nova forma de pensar como extrato das convicções de pai e mãe.



A família pós-moderna e pós-metafísica

Atualmente vemos a cada dia famílias mais diminutas, não há mais em nossa sociedade mães gerando muitos filhos, a família consumidora não produz muitos filhos ao contrário da família produtora que tinham, às vezes, mais dez filhos (era a garantia da força de trabalho produtivo nas lavouras e agriculturas familiares).

Com números cada vez menores de filhos e paradoxalmente também cada vez menor o tempo para esses poucos filhos, a família consumidora tornou-se frágil e suscetível aos assédios mercadológicos e até, de certa forma, “antropofagista” e canibalesco. São vidas humanas sugando vidas humanas, e nessa direção a educação dos filhos é deixada para as escolas, para os programas de TV ou para as babás.

As crianças criadas em escolas de tempo integral, longe por algum motivo de seus pais, vão aprender muito mais dos outros, das convicções dos outros que da própria família e isso afetará claramente o desenvolvimento dessa criança e tais convicções o acompanharão pela vida adulta.

A nova forma social vem gerando famílias reduzidas em tamanho e como fruto da provisoriidade das coisas pós-modernas os casamentos também tem se tornado cada vez mais provisórios e menos duradouros. Assim, não é atípico lares com pai sem a mãe, ou com a mãe sem o pai. A necessidade de sobrevivência faz com que o adulto da casa vá ao trabalho e lá vai a educação dos filhos para a mão de um “estranho no ninho”.

SACERDOTES DO LAR?

Os pais deveriam ocupar o lugar de sacerdotes do lar, servindo de espelho para seus filhos, conduzindo-os nos caminhos do Senhor, mas, isso ainda acontece?



O papel sacerdotal sempre presente na cultura religiosa ocidental e parte da cultura oriental, destaca-se pela atuação direta na vida e instrução dos discípulos, filhos... No Antigo Testamento o sacerdote era a figura emblemática que representava os fiéis diante de Deus, por eles intercedia, ofertava sacrifícios pelos pecados do povo e por eles intercedia. De certa forma, era uma espécie de representante de Deus na terra e um elo ente os homens e D'us.

Ao criar a humanidade, D'us deu a Adão a função sacerdotal, seria na verdade, um tríplice ofício adâmico, a saber: Profeta, Sacerdote e Rei. Com a queda, tais ofícios foram comprometidos e Adão falhou em sua missão.

Ao longo da história, tais líderes foram se firmando nos cenário político religioso. No entanto, de forma separada, O Profeta, o Sacerdote e o Rei. Esses ofícios foram reestabelecidos no chamado Pacto da Graça. Jesus tornou-se o novo Adão, logo, trouxe-se em Si a restauração do tríplice ofício de Cristo: Profeta, Sacerdote e Rei.

No lar, os pais deveriam exercer tais funções, ouvir dos filhos e interceder diante de Deus, receber de Deus e repassar aos filhos os ensinamentos para vida e exercer o “domínio” para o direcionamento do lar.

Isso tem sido uma verdade?

Outro fator marcante em nossa sociedade é o número crescente de lares com relações homoafetivas, “pai e pai”, ou “mãe e mãe”.

O preparo dos filhos para vida. A síndrome do ninho vazio.

Um dos papéis dos pais é a preparação dos filhos para deixá-los. Prepará-los para “voar”, para viver suas próprias vidas

Uma das dolorosas missões paternas é exatamente preparar os filhos para “voar”, o namoro, o casamento dos filhos, a dura realidade da hora da



partida. Nesse momento, vem o sentimento de tristeza e de perda da maioria dos pais. A mãe ao ver o filho partir, o pai ao ver a filha partir.

Após a saída, vem o terrível sentimento conhecido como a “síndrome do ninho vazio”. O sentimento de angústia, de dor de tristeza que levam alguns a experimentar a depressão. A saída dos filhos deixando os pais a sós em casa, gera a necessidade de aprendizado.

É necessário reaprender a viver a dois. Como no dito bíblico, deixará o homem pai e mãe e se unirá a uma só mulher... na saída dos filhos, o casal tem uma nova chance de fortalecer ou até mesmo reconstruir uma história de amor. O problema reside na falta de diálogo estabelecida ao longo dos anos e isso ocorre quando a mulher deixa de ser esposa para ser mãe, e quando o homem deixa de ser esposo para ser provedor. E aí reside o risco, esqueceram como é de fato ser homem e mulher.

Reconstruir é inovar, pode ser aprendido no processo da convivência. Como diz o poema latino “Companheiro não há caminho, o caminho se faz ao andar”. E é na caminhada que encontraremos às pedras no caminho. Você conhece a poesia de Drumont “Há uma pedra no caminho”?

O que é a pedra do caminho? Bem, uma pedra pode servir para muitas coisas diferentes, a mesma pedra pode ser usada para ferir uma pessoa, para um tropeço no caminho ou para o fundamento de uma casa. A mesma pedra pode ser usada como munição no estilingue de uma criança peralta, ou de marco de uma grande obra na pedra fundamental, uma pedra foi usada pelo valente Davi para derrotar o gigante Golias. Há uma pedra em seu caminho. O que você fará com ela? Invente, faça, recrie, você pode dar a ela um sentido fatalista, ou quem sabe, o princípio de uma nova estrutura em seu matrimônio. Lembre-se, as pedras podem derrubar gigantes, mas também podem alicerçar um grande edifício.

Assim, a saída dos filhos de casa pode significar uma perda irreparável para alguns, mas, é sem dúvida a missão dos pais preparar os vivos para a vida. É importante que ambos aprendam a se reinventar após a saída dos filhos.



REFLEXÃO:

- a) O que podemos entender por síndrome do ninho vazio?
- b) Que conselhos você daria para um casal que “perdeu” os filhos na vida diária?
- c) Em quais situações poderíamos usar o aconselhamento e em que situações utilizar de técnicas terapêuticas?

CONCLUSÃO

É importante que continuemos estudando, pesquisando e buscando respostas às “novas” demandas sociais. As famílias estão sofrendo, os lares estão se desfazendo em função dos desajustes incontáveis que se apresentam no cotidiano.

Os novos “formatos familiares” fogem consideravelmente dos padrões convencionais. Famílias sem pais ou sem mães, com parceiros de gêneros iguais, mulheres que assumem a casa em detrimento de maridos improdutivos e tantas outras formas presentes na atualidade.

Esperamos que no decorrer deste curso de Terapia Familiar cada um de nós possamos aprender e ensinar na relação dialógica coerente em busca de contribuir com a preservação e reestruturação dos “sofrentes” em função dos desgastes e desilusões familiares e pessoais.

A todos, bom curso.



CETAPES - Centro Teológico e Psicanalítico do ES

CURSO DE TERAPIA FAMILIAR



Família, Cultura e Sociedade

Professor Irisomar Fernandes Silva